

POR UMA PALESTINA JUDAICA E ÁRABE? EQUÍVOCOS HISTÓRICOS!

Abílio Lousada

Onde está a génese deste *status belli* sem quartel, mecha que arde continuamente há décadas? Damos a resposta, sem hesitações: Tratado de Versalhes de 1919 e as tomadas de decisão do Reino Unido (RU). Vencedores da 1.^a Guerra Mundial (1914-1918), a par da França e dos EUA, contra os impérios da Alemanha, Áustria-Hungria e Turco Otomano, traíram a confiança de Judeus e Árabes de uma pátria para os dois povos na Palestina.

Mas Antes ... o Agora!

A 7 de outubro de 2023, o grupo terrorista Hamas, responsável eleito pela governação da Faixa de Gaza, lançou um ataque sem precedentes em território de Israel e chacinou, com requintes de selvajaria, cerca de 1400 pessoas e cativaram perto de 250 reféns. Seres humanos de cerca de 20 nacionalidades, sobretudo israelitas judeus e árabes, homens e mulheres, crianças, jovens e idosos. Os ataques incidiram nas localidades de Sderot, Beeri, Reim, Ofakim e Magen, acometendo os Kibutz, um concerto musical e arruamentos.

Apanhadas de surpresa(!), as Forças de Defesa de Israel retaliaram ao genocídio com uma campanha militar em Gaza sem contemplações, feita de destruição de infraestruturas, milhares de mortes e a eliminação de muitos dos líderes do Hamas, seja por via aérea ou operações terrestres. Para Israel não haverá pausa operacional até o Hamas ter sido destruído ou pelos menos neutralizado e os reféns que restam (vivos ou mortos) serem restituídos. Hamas que mantém a seiva desumanizada com oponentes internos, os civis como escudos humanos e uma retórica de desafio!

Entretanto, a organização terrorista Hezbollah, que ameaça Israel a Norte a partir do Líbano, efectuou ataques através de foguetes e artilharia sobre território israelita e a resposta foi também ela implacável, contra instalações, agrupamentos de militantes e lideranças. De momento verifica-se um 'adormecimento' litigioso. Quanto ao Irão, patrocinador das duas organizações terroristas, 'afiou os dentes', foi atacado e atacou Israel. Entre 13-24 de Junho de 2025, decorreu a denominada Guerra dos 12 Dias, limitada no tempo, no

espaço e nos seus efeitos, concluída com bombardeamentos selectivos dos EUA a instalações do seu programa nuclear. Ficou patente as fragilidades militares iranianas, ao nível de capacidade antiaérea, proteção de altas entidades e infraestruturas críticas e capacidade de resposta.

Relativamente aos Estados Árabes, acompanham, expectantes, a situação, os EUA, apoiantes de Israel, monitorizam o xadrez regional para evitar uma escalada descontrolada do conflito, a União Europeia pronuncia-se de forma contraditória a várias vozes, a ONU, por inépcia de retórica e parcialidade do Secretário-Geral António Guterres, é uma 'carta fora do baralho' e as opiniões de rua, a começar na Europeia, manifestam-se contra Israel e o seu suposto genocídio em Gaza.

Promessas Traídas

No contexto da Grande Guerra 1914-1918, o RU necessitava das divisas e capacidade empreendedora dos judeus, espalhados pelo mundo, para combater a Alemanha na Europa, prometendo a Chaim Weizmann a criação de um Estado Judaico na Palestina (Declaração de Balfour, 1917). Paralelamente, incentivou os Hachemitas de Hussein Bin Ali, Xarife de Meca e rei de Hejaz (Arábia Saudita), a combaterem os turcos, dominadores da arábia desde o século XIII, com a promessa de constituição de um grande Estado Árabe. É o contexto da «Grande Revolta Árabe» capitaneada pelo príncipe Faisal, filho de Hussein, acompanhado do britânico T. E. Lawrence, com a promessa de ser rei da Grande Síria, que abrangia o Líbano e o Iraque.

Terminada a guerra, Weizmann e Faisal acertaram um acordo escrito de constituição de um Estado Judaico na Palestina, em comunhão dos povos judeu e árabe, enquanto Faisal se instalaria no leme da Grande Síria com apoio judaico. Porém, a palavra dada pelo RU durante a guerra não foi honrada na Conferência de Paz de Versalhes. Na verdade, tinha acertado secretamente com a França (Acordo Sykes-Picot), também durante a guerra, em 1916, a partilha do Médio Oriente entre si. O derrotado império turco foi assim retalhado a régua e esquadro sem respeito pela geografia e a especificidade dos povos árabes, criando-se os denominados Mandatos Franco-Britânicos: Palestina, Transjordânia e Iraque sob controlo britânico; Síria e Líbano francês. Desta forma se ignorou um acordo histórico entre judeus e árabes, em nome do

controle do Suez, fluidez comercial com a Índia a partir do Mediterrâneo Oriental, construção de oleoduto do Iraque à baía de Haifa e usufruto das divisas sírio-libanesas.

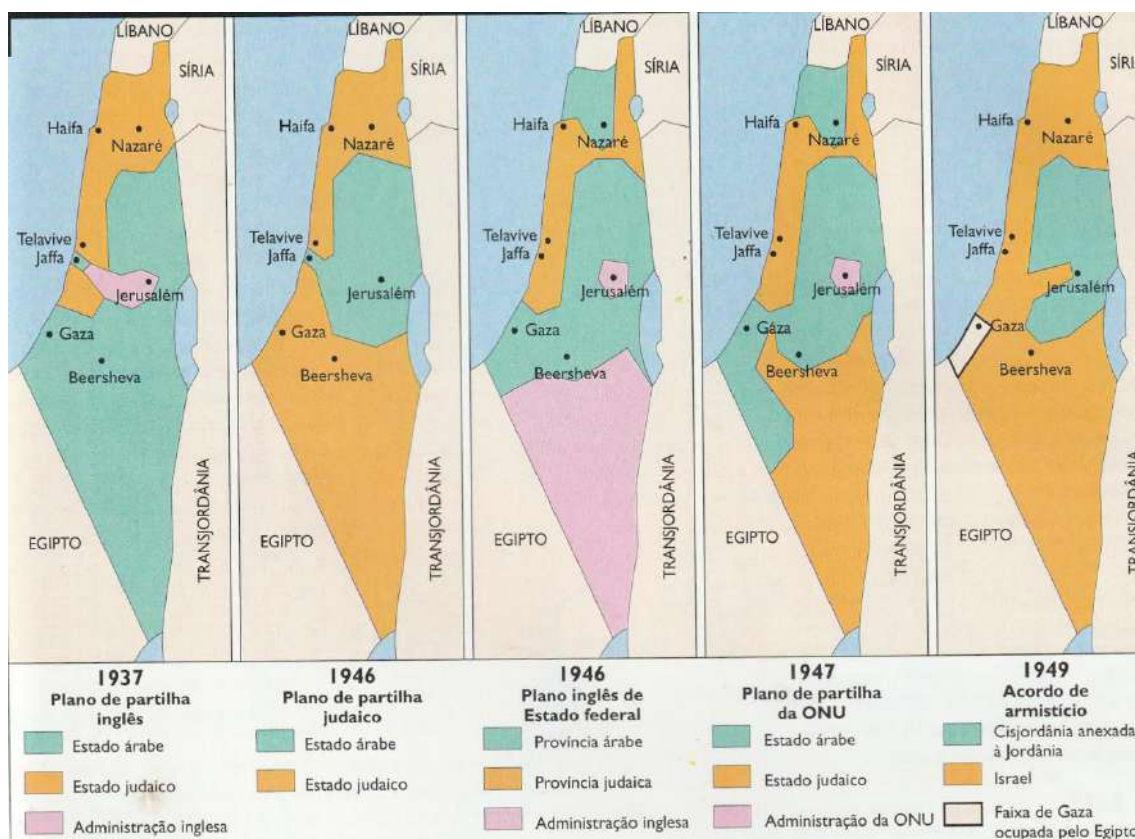
Os franceses anularam pela força das armas (combate de Maysalun, 1920) o sonho de Faisal na Síria, remetido a contragosto como rei para o Iraque, Weizmann ficou 'de mãos vazias' e Hussein retaliou com o eclodir do nacionalismo árabe contra o colonialismo europeu. Na Palestina, o RU elencou nova promessa de um lar nacional judaico, incluindo a população árabe, não ignorando o seu apoio aos turcos durante a guerra. Na verdade, os britânicos preocuparam-se sobretudo com os próprios interesses. A partir daqui, com sonhos destruídos, promessas traídas e um futuro ilusório, sobreveio o antagonismo entre judeus e árabes e a luta por uma terra sob tutela britânica em crescendo de violência. O 2.º ato emergirá em 1948, após a II Guerra Mundial!

Partilha Armadilhada!

Percebemos como o Reino Unido (RU) frustrou, após a 1.ª Guerra Mundial, a aspiração Judaico-Árabe de criação de uma pátria conjunta na Palestina, assumindo a tutela do território sob mandato da Sociedade das Nações (precursora da ONU). Mandato destinado a promover um «lar nacional judaico» sem ignorar os direitos do povo árabe. Na verdade, o RU preocupou-se sobretudo em preservar os interesses próprios imperiais-comerciais, suscitando a hostilidade dos dois povos, acicando a rivalidade entre eles! Terra prometida, Terra traída! No período entre guerras (1918-1939), o movimento mundial sionista propugna o nacionalismo judaico na Palestina, que cresce de uma cifra pouco superior a 50.000 para meio milhão de residentes. Empenhados no controle e trabalho agrícola da terra, com a criação das cooperativas Kibbutz, detendo um nível de instrução avançado e a organização de uma componente de defesa, os judeus, minoritários, foram-se impondo. O que acicou a oposição árabe à imigração judaica e a mudança de paradigma da tutela britânica, centrada na proteção daqueles contra os judeus.

Até que deflagrou a 2.ª Guerra Mundial e com ela o extermínio de seis milhões de judeus pela Alemanha Hitleriana nos campos de concentração. O Holocausto e a errância dos sobreviventes a seguir à guerra impunham definir

um território que os albergasse, que para os líderes do movimento sionista seria a Palestina: David Ben-Gurion proclamava então que «Foram os judeus que criaram a Palestina e a Palestina que criou os judeus» e Nahum Goldman alertou «Se houvesse um Estado Judaico quando Hitler chegou ao poder esse Estado teria aberto os seus portões a todos os judeus que se quisessem



Planos de Partilha da Palestina. Fonte: Pascal Boniface, *Atlas das Relações Internacionais*, Plátano Edições Técnicas, 1999.

salvar».

Ou seja, a Palestina era entendida de direito judaico e a sua imigração europeia devia ter via aberta. Porém, os árabes negavam-se a ceder o território tido como seu, os britânicos opunham-se ao fluxo migratório e os cerca de cinco milhões de judeus nos EUA iniciaram campanhas de sensibilização junto da Administração Truman. Entre a irredutibilidade britânica e a compreensão americana, emerge Stalin, apostado em quebrar a aliança entre aqueles e a intrometer-se nos assuntos do Médio Oriente. Assim, permitiu a abertura das fronteiras da Polónia, Bulgária, Roménia e Polónia aos judeus que pretendessem imigrar para a Palestina. O resultado foi um fluxo de cerca de 250.000 judeus, que obrigou as autoridades britânicas a confiscar navios,

barrar pessoas e até a acantoná-las em campos de detenção. O território tornava-se um barril de pólvora, com o desenvolvimento de ações terroristas de judeus contra o poder de tutela e a conflitualidade entre judeus e árabes.

Perspicaz, Ben-Gurion passa da exigência da Palestina para os judeus para a partilha em dois Estados. Face à aceitabilidade de Washington e anuência de Moscovo, a impotência de Londres e a oposição árabe, o assunto transita para a recém-criada ONU. É, então, enviado como emissário à Palestina o sueco Emile Sandström para estudar *in loco* o assunto. Ignorado pela intransigência árabe, em quem observou pobreza, inação e atraso, recebido efusivamente por judeus, onde percebeu uma dinâmica empreendedora e observou a onnipresente repressão policial britânica, deu opinião favorável à divisão do território, com Jerusalém como zona internacional. Então, a 29 de novembro de 1947 a votação na Assembleia-Geral da ONU resulta favorável à criação dos dois Estados: 33 Votos a favor, 13 contra e 10 abstenções (Resolução 181).

À euforia israelita de se poder instalar, quase 2.000 anos depois, no território da Palestina, a frustração árabe teve eco nas palavras de Amin Al Hussaini, que proclamou: «Lutaremos, combateremos contra a divisão do país. Não aceitaremos nenhum compromisso». Tudo iria irromper numa espiral de violência logo que o último militar britânico retirasse e David Ben-Gurion proclamasse a criação do Estado de Israel.

O 14 de maio de 1948 marca o início da terra sangrenta. Da Guerra da Independência vencida por Israel contra uma coligação de países da Liga Árabe constituída pelo Egito, Iraque, Transjordânia, Líbano, Síria e Arábia Saudita.

Olho por olho, dente por dente. Judeus e Muçulmanos permanecem agarrados aos ditames do ... Antigo Testamento!